

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES EM CHOQUE: O LUGAR SOCIAL DOS MARACATUS NA CIDADE DO RECIFE, NOS ANOS DE 1890 A 1930.*

IVALDO MARCIANO DE FRANÇA LIMA
Mestrando em História pela UFPE

Resumo: Nos primeiros anos do século XX, um renomado folclorista, Pereira da Costa, ao discorrer sobre os maracatus, prognosticou o provável fim dos mesmos, sobretudo devido às mudanças ocorridas na sociedade com o fim da escravidão e o desaparecimento dos últimos africanos. O maracatu é considerado uma reminiscência de antigas práticas diretamente ligadas ao passado escravista e, portanto, fadado ao desaparecimento. Entretanto, compulsando as listas de licenças fornecidas pela polícia para que as agremiações carnavalescas tivessem a permissão de desfilar, percebemos a existência de uma quantidade significativa de maracatus, demonstrando que a prática social era dotada de uma dinâmica oposta às representações construídas sobre a cultura afro-descendente, notadamente os maracatus. O objetivo deste trabalho é discutir o modo como essas representações criam um lugar social para a cultura afro-descendente, em especial os maracatus, e sua relação com as práticas sociais. *Palavras-chave:* Pereira da Costa, Maracatus, Cultura afro-descendente.

Abstract: At the first years of the twentieth century a famous folklore researcher, Pereira da Costa, thought about the end of the maracatus and related it to the several changes occurred in the Brazilian society:

the end of slavery and disappearance of the last africans. The maracatu is considered a reminiscence of ancient practices directly related to the slavery post and, therefore, taking its way to vanish. In the meantime, working on the licence lists given by the police as a permission to the carnival teams to parade, we could identify the existence of a significant quantity of maracatus, and then was possible to conclude that the social practice was embolied of an opposite dynamic to the built representations about the afro-descendant culture, mainly the maracatus. The objective of this work is to discuss the way how these representations create a social place to the afro-descendant culture, in special the maracatus, and its relationship towards the social practices. *Key-words:* maracatus; Pereira da Costa; afro-descendant culture.

Podemos afirmar que, na atualidade, os maracatus e os maracatuzeiros vêm recebendo significativas atenções de alguns setores da sociedade recifense, bem como das universidades. Muitos têm sido os pesquisadores, nacionais e estrangeiros, a percorrerem as ruas do Recife em busca de informações que lhes permitam compreender as relações tecidas (ou que se tecem) em torno dos maracatus.¹ Estes vêm sendo objeto de discussões, dado o sucesso que fazem na cidade, e há uma certa unanimidade quando se trata de apresentar suas origens. Pode-se perceber em reportagens de jornais e artigos, que conceitos e representações construídos em décadas anteriores acerca dessa origem são repetidos *ad nauseum*, ou seja, de que os maracatus são reminiscências das cortes européias, que surgiram das coroações dos reis e rainhas do congo, ou que são práticas que se mantêm inalteradas e, por conseguinte, dotadas de uma tradição que lhes auferem legitimidade e, por que não dizer, pureza. Mas, se hoje existe uma quantidade significativa de trabalhos, em sua maioria escritos por pesquisadores que viveram entre os anos de 1940 a 1980, dentre os quais se destacam Guerra Peixe e Katarina Real, em contrapartida, não é possível afirmar o mesmo para o período anterior aos anos 1930. Os estudos acerca dos maracatuzeiros e os seus maracatus, entre os anos de 1890 a 1930, possuem muitas indagações e poucas respostas. Quase nada se escreveu sobre os maracatus desse período, como eram, quais os instrumentos que usavam, por onde desfilavam, quais os seus componentes, por quais motivos integravam-no; enfim, quais os significados que propiciavam a existência de uma prática que permaneceu, ao longo dos anos, em meio

a épocas de perseguições por uma sociedade hostil a costumes que lembrassem os negros escravos.

Esse é um período em que as fontes sobre os maracatus são escassas e impõem limites, no sentido de encontrar respostas para questões formuladas, deixando o historiador diante de muitas incertezas sobre um passado quase que desconhecido. Essa precariedade pode ser percebida nos documentos que dispomos sobre o período, tais como jornais, periódicos e documentos policiais. As informações existentes nessa documentação foram construídas a partir de um olhar, que quase sempre convergiu com os interesses das elites, estando, portanto, comprometidas com uma lógica diferente daqueles que faziam os maracatus, que constituem o nosso maior interesse. Com isso, não podemos, no entanto, afirmar que essa documentação em nada nos serve; muito pelo contrário, pois mesmo coagidas pela pressão do policial ou autoridade repressiva, lá estão algumas vozes que muito nos ajudarão a compreender parte dos costumes e práticas existentes em meio aos maracatus. Apesar das fontes pouco nos informarem sobre como eram os personagens e os elementos constitutivos dos maracatus desse período, podemos afirmar que existia uma grande variedade de manifestações culturais, ainda não homogeneizadas, e que talvez apontem na desconstrução da idéia de que existiu uma uniformidade entre os maracatus, sobretudo no que diz respeito ao uso de adereços, fantasias, instrumentos e outros elementos que o constituem.

Além da pouca documentação, podemos afirmar que praticamente inexistem descrições pormenorizadas dos maracatus no período. Excetuando os olhares de dois folcloristas contemporâneos, Pereira da Costa e Rodrigues de Carvalho, nenhum outro estudioso ousou escrever sobre os grupos de maracatus existentes em sua época. Nas descrições que foram feitas por ambos, existem diferenças consideráveis e, por isso mesmo, conflitantes. Essas descrições apontam muitas diferenças com o que é tido na atualidade como um dos ícones da identidade pernambucana. Saber como eram os maracatus, se estes possuíam vínculos com as religiões afro-descendentes e se estas últimas eram semelhantes às dos dias atuais; como estas práticas eram vistas pela sociedade e de que maneira essa se relacionava com os afro-descendentes, são algumas das muitas interrogações que lançamos, mas que, devido

aos limites impostos por este trabalho, não teremos o êxito de respondê-las a contento. Consideremos, no entanto, que, em se tratando de resultados, o que trazemos são muito mais dúvidas do que certezas, mas que ainda assim percebemos serem as mesmas de grande importância, dado o pequeno número de trabalhos que se debruçam sobre os temas que aqui iremos discorrer.

Em meio a tantas indagações, estabelecemos como principal questão neste trabalho, discutir as representações construídas por Pereira da Costa sobre os africanos, seus descendentes e suas manifestações culturais, particularmente os maracatus, uma vez que as mesmas ainda hoje influenciam as pesquisas e grande parte do conhecimento que se tem sobre tais práticas e costumes. Esse folclorista e historiador, que viveu entre os últimos anos do século XIX e início do XX, foi quem fez a melhor descrição de um dos maracatus que existiu na cidade do Recife (Cambinda Velha), e esta tem sido repetida por muitos outros estudiosos como prova para demonstrar que os maracatus constituem uma tradição que há muito não sofre modificações. Suas conjecturas sobre a relação entre os escravos africanos e os maracatus influenciam ainda hoje boa parte dos folcloristas que vêm com olhar enviesado os grupos da atualidade, que pouca ou nenhuma similaridade possuem com a descrição referida.

A descrição que Pereira da Costa fez sobre os maracatus de seu tempo.

Sobre os maracatus dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do XX, quase nada existe em termos de descrições, que não seja a já célebre feita por Pereira da Costa. Esta é a única fonte descritiva que restou sobre como era o Cambinda Velha, maracatu que serviu de objeto para a referida observação. Não sabemos se a mesma dava conta de um modelo ou se existiam outras formas ou tipos de maracatus desfilando pelo Recife da época. Como um contraponto ao que viu e escreveu Pereira da Costa, encontramos numa pequena nota de rodapé do livro *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho, publicado no ano de 1903, uma descrição do que ele denomina de maracatu, que diverge frontalmente do tipo que foi descrito por Pereira da Costa:

*Maracatús: são foliões caracterizados (sic) de negro, vestidos, de calças e jalecos, outros de saias e camisas de mulher, fingindo negras bahianas, tocando maracás e dançando loucamente pelas ruas.*²

Diante desta descrição, uma questão surge como que naturalmente: o que se considerava como maracatu no final do século XIX e início do XX? Tanto Clarissa Nunes Maia como Leonardo Dantas Silva nos levam a considerar que a palavra maracatu referia-se a ajuntamentos de negros associados a batuques e danças.³ Gradativamente, ao longo das últimas décadas do século XIX, a palavra maracatu foi-se associando a um tipo específico de expressão cultural, que coincide com a descrição feita por Pereira da Costa. O que não quer dizer que houvesse unanimidade quanto a essa descrição.

Outro dado complicador sobre como eram os maracatus nos primeiros anos do século XX é a notícia publicada no Jornal do Recife, de 1911, que informa o nome das agremiações que iriam desfilar pelas ruas da capital pernambucana no carnaval daquele ano, bem como os seus respectivos endereços e diretores. Tal notícia nada teria de estranho se não informasse que os maracatus eram dotados de instrumentos de corda, e que esta informação referia-se apenas aos grupos denominados de maracatus, excluindo os demais que não foram caracterizados como tal.⁴

Desse modo, quando dirigimos o olhar para os maracatus do passado, tendo como parâmetro as descrições referidas, não sabemos responder com certeza, como estes eram, quais os instrumentos que usavam, quem, quantos e quando desfilavam.

No tocante a Rodrigues de Carvalho, é importante observar que a referência aos maracatus aparece em meio a uma discussão genérica sobre danças e músicas de negros, e que sua observação nos traz muito mais indagações do que respostas. Não sabemos com precisão em que local foi feita a observação, apenas que se refere ao estado de Pernambuco. Também não sabemos se de fato essa descrição contemplava um outro modelo de maracatu existente, mas podemos afirmar que a mesma se assemelha em muitos aspectos com a que observamos na revista *Contraponto* sobre as aruendas:

Compunham-se, principalmente, de uma dama do passo (que representa a dama de honra da rainha), papel que parece geralmente desempenhado por um homem, de um leão, que encarna o rei, de uma bandeira, que representa a nação e de lanceiros, que dão idéia de exército. (...) Quando a aruenda saía à rua, dirigia-se diretamente para a igreja da Conceição, onde cantava e dansava (sic). Os instrumentos eram os seguintes: dois bombos, um gonguê, um tarol, um marcante (bombo) e vários maracás.⁵

As semelhanças entre as descrições nos levam a interrogar se não seria o “maracatu” de Rodrigues de Carvalho uma aruenda de Goiana ou, quem sabe, uma cambinda. As informações que temos sobre esta última forma de expressão nos dizem que os desfilantes são homens que se vestem de mulher e que possuem um tipo de dança parecida com a observada pelo autor referido,⁶ ao passo que nas aruendas há mulheres e homens que se vestem como tal ou que utilizam vestuário feminino.⁷

Sabemos também, através de contatos com alguns maracatuzeiros de idade avançada que participaram ou participam dos maracatus de orquestra, que muitos desses grupos não permitiam a presença de mulheres entre os seus membros. Também encontramos a informação de que, em alguns maracatus de orquestra existentes nos lugares mais afastados dos centros urbanos, segundo Roberto Benjamim, o papel das mulheres – no caso, as baianas – é ocupado pelos homens, conferindo a estes grupos um caráter eminentemente masculino, sem a participação feminina.⁸ Desse modo, é possível que Rodrigues de Carvalho tenha observado um grupo do que denominamos hoje de maracatu de orquestra.

Assim sendo, não sabemos se Rodrigues de Carvalho observou e descreveu um tipo de maracatu que realmente existia no Recife, se era este um grupo identificado com os modelos mais presentes no interior do Estado ou se era uma aruenda de Goiana. Também não sabemos se estas estavam restritas à região da cidade referida. Um outro dado complicador dessa descrição é a presença dos maracás, o que nos leva a ter uma semelhança também com os grupos de congos ainda hoje existentes na Paraíba.

Portanto, maracatu poderia servir para designar uma grande variedade de manifestações. Nos interrogamos como, ao longo das primeiras décadas do século XX, vai prevalecer o modelo do que hoje denominamos de maracatu-nação. Para tanto, é fundamental analisarmos a descrição de Pereira da Costa, uma vez que esta se tornou famosa pelas constantes citações daqueles que estudaram ou estudam os maracatus. Eis a célebre descrição, famosa por suas reproduções nas obras de vários estudiosos:

Rompe o préstito um estandarte ladeado por arqueiros, seguindo-se em alas dois cordões de mulheres lindamente ataviadas, com os seus turbantes ornados de fitas de cores variegadas, espelinhos e outros enfeites, figurando no meio desses cordões, vários personagens, entre os quais os que conduzem os fetiches religiosos – um galo de madeira, um jacaré empalhado e uma boneca de vestes brancas com manto azul; - e logo após, formados em linha, figuram os dignitários da corte, fechando o préstito o rei e a rainha.⁹

Mesmo sendo uma descrição mais completa, quando comparada com a que foi feita por Rodrigues de Carvalho, não podemos deixar de dizer que a mesma suscita dúvidas e questionamentos. Será que o relato de Pereira da Costa corresponde a um modelo consolidado entre os maracatuzeiros da época? Seriam todos os maracatus semelhantes ao que foi descrito pelo famoso folclorista, ou haveria outros tipos que não foram percebidos pelo seu olhar? Muitas são as indagações, poucas são as respostas.

A descrição feita por Pereira da Costa pode ter sido a reprodução de um dentre vários tipos de maracatus que poderiam existir pelo Recife no início do século XX, mas ela pode também ter realçado apenas aquele que considerou como legítimo e devidamente “africano”, deixando de lado outros tantos. Pereira da Costa, com certeza, foi o primeiro a escrever sobre os maracatus que mais tarde serão considerados por “nação”, ou “baque virado”. Essa distinção existente entre os maracatus foi feita objetivamente por Guerra Peixe, que os classificou em dois tipos: orquestra e baque virado, utilizando como critérios comparativos a sua

sonoridade rítmica e a constituição dos personagens e de suas vestimentas.¹⁰ Entretanto, há indícios de que o tipo descrito por Pereira da Costa não era o único maracatu a desfilar pelas ruas da cidade do Recife. Em se tratando dos anos de 1940, os maracatus denominados por rurais ganham visibilidade para os folcloristas, que tomavam o tipo descrito por Pereira da Costa como o único e possível modelo de maracatu, considerando os maracatus rurais como imperfeitos e descaracterizações da cultura popular pernambucana.¹¹

Pereira da Costa: folclorista ou historiador?

Diante da precariedade de fontes etnográficas a respeito dos maracatus, ficamos presos à descrição e ao olhar de Pereira da Costa. Assim sendo, lançamos uma indagação a respeito de como classificar este estudioso, sobretudo devido à grande variedade de assuntos por ele estudados. Dentre outros, podemos listar os estudos biográficos, o folclore, e a história política, tendo nesse último enfocado as questões relacionadas a Pernambuco e à formação do sentimento republicano, ao processo de luta pela independência do Brasil, à escravidão e ao abolicionismo.¹² Muitas foram as obras escritas, diversos os assuntos abordados, mas, em se tratando do seu olhar sobre os maracatus, como definir um perfil para esse observador? Ora, negar a condição de historiador para alguém com uma obra tão vasta é algo que de modo algum tentaremos fazer. Entretanto, considerando as suas idéias em relação aos costumes e práticas populares, lançamos mão dos escritos de um outro estudioso, no sentido de situar este olhar de um historiador e folclorista simultâneos:

Pereira da Costa foi um homem surpreendente, pela forma como trabalhava e produzia; sendo, sobretudo, um estudioso dos fatos históricos, ainda encontrava tempo para consultar e vasculhar documentos existentes nos arquivos oficiais e particulares, sobretudo eclesiásticos, e se deter por horas e dias a examinar documentos amarelecidos pelo tempo. Mas, ele foi, também, um homem curioso, que gostava de andar pelas ruas, de parar nas esquinas, de conversar com as pessoas e de comer as comidas

vendidas por populares, nos tabuleiros e nas barracas existentes nas esquinas. Não se limitava apenas a comer esses alimentos, mas também conversar com os seus vendedores, procurando saber como eram fabricados e a origem da matéria-prima que utilizavam na sua confecção.

Daí o gosto pela história e os problemas da sociedade, ele partiu para o estudo das lendas, dos romances e da narração de fatos que não tinham o prestígio necessário para entrar na história dos livros, mas tinham a força de circular entre o povo; e ele escrevia o que ouvia, sendo um precursor da história do cotidiano.¹³

Sim, folclorista e historiador, pois ambas não são excludentes nesse período, ainda mais quando sabemos de outros estudiosos do século XIX, que também se dedicaram aos estudos dos costumes, práticas e crenças populares, a exemplo de Mello Moraes Filho, Silvio Romero e o próprio Rodrigues de Carvalho, além de outros que aqui não são citados. Podemos afirmar que esses homens foram de uma época em que a erudição era um valor, não ocorrendo a especialização do conhecimento que existe nos dias atuais. Pereira da Costa é um homem de seu tempo, preocupado em traduzir para a sua época a “essência” e a alma do povo, em busca dos autênticos valores nacionais. Diante desse quadro, temos a folclorização das práticas, a infantilização de costumes e a categorização de que estes constituíam tradições em risco de desaparecimento por estarem em transformações, aspecto não percebido pelo olhar de alguém que ao mesmo tempo em que buscava o entendimento e as origens, não enveredou pelo caminho de enxergar nos homens do povo a condição de sujeitos de sua própria história. Diga-se de passagem que as observações feitas por Pereira da Costa sobre o desaparecimento de costumes e as práticas populares, notadamente os maracatus, devem ser associadas à idéia de que estes eram reminiscências da escravidão e, uma vez finda a mesma, ocorreria o fim de tudo o que a isso estivesse relacionado. Importante ressaltar que Rodrigues de Carvalho também faz a observação de que as diversões dos negros estavam “quase extintas, e delas se

reproduzem reminiscências nos dias de carnaval em Pernambuco – os célebres maracatus”.¹⁴

Em suma, podemos dizer que Pereira da Costa é um homem de sua época, historiador e folclorista, que escreve sobre os assuntos ao seu redor e ao mesmo tempo um parlamentar, na defesa dos seus interesses e dos membros de sua classe, possuidor de vínculos políticos com Rosa Silva, de quem teve apoio para a conquista de um mandato que se repetiria por oito vezes.¹⁵ Importante ressaltar que Pereira da Costa se constituiu numa autoridade sobre cultura popular em Pernambuco e poucos questionam (aliás, desconheço se houve questionamentos) suas obras, sobretudo por ter sido um homem de grande influência na sociedade.

Os maracatus, as representações sobre reminiscências da África em Pernambuco.

Para Pereira da Costa, os maracatus, como afirmamos acima, eram uma reminiscência da escravidão, visto como lenitivo e ungüento para que os negros suportassem as dores e as feridas do cativeiro. Pode-se atestar tal visão em um pequeno trecho de sua obra, *Anais pernambucanos*:

*Efetivamente os negros da costa, para suavizar as agruras do seu eterno cativeiro e arrefecer as saudades da pátria, onde viviam livres e felizes, dançavam, tocavam e cantavam nos seus serões e recreios domingueiros, nos seus maracatus e solenidades festivas, religiosas e funerárias.*¹⁶

Nessas linhas em que Pereira da Costa informa para os seus contemporâneos o que eram os maracatus, podemos perceber a idéia de uma África paradisíaca que subjaz em suas análises. Talvez acreditasse realmente que os negros vivessem em melhor situação no continente africano do que no Brasil escravista, como se na África também não existisse a escravidão ou outros tipos de trabalhos forçados. Aliás, como não construir uma representação dessa realidade diante do quadro em que a escravidão é desenhada como o lugar dos opostos, da resistência e fuga ou da passividade e aceitação? Pensar na felicidade dos negros na África é algo possível em um Brasil que sofre com as transformações

advindas do fim da escravidão. Imaginar a África como o lugar em que os negros eram livres e felizes, longe do cativeiro, traz-nos indícios de que Pereira da Costa não conhecia a fundo os assuntos relacionados ao tráfico e ao próprio continente africano, apesar de que os estudos sobre a escravidão e o abolicionismo foram parte dos assuntos por ele abordados. Diante desse impasse entre o desconhecimento ou não do tráfico e de como eram as relações entre os homens e as mulheres na África, resta-nos afirmar que a escravidão não era algo desconhecido entre vários povos africanos e que o comércio de seres humanos já existia mesmo antes da chegada dos europeus.¹⁷

A idéia de que os negros eram felizes na África e de que todos rejeitavam a escravidão, pode ser vista associada com outra representação; de que predominava a solidariedade entre os escravos. Imaginemos, no entanto, que um dos sonhos de alguns escravos (para não dizer muitos), uma vez alforriados, fosse a obtenção de um cativo para a execução dos serviços de ganho, trabalhos domésticos e outros mais! Vejamos a observação feita por Emanuel Araújo, que reproduzimos abaixo:

*Alguns escravos, decerto com enorme esforço e persistência, alcançaram o objetivo maior de comprar sua própria pessoa e incorporar-se à população dos livres por nascimento. Atingido esse patamar, o ex-escravo obviamente investiria (se conseguisse) no ofício ou trabalho que aprendera quando cativo, e logo trataria, ele também, de obter... escravos! Reproduzia, assim, o padrão vigente, e decerto com maior razão e afinco, pois teria de se afirmar socialmente em meio hostil. Mostrar-se ocioso em virtude da posse de escravos seria um primeiro passo para obter reconhecimento (não necessariamente aceitação) no mundo arrogante dos brancos.*¹⁸

Ora, os negros que viviam no Brasil, sejam ex-escravos ou deles descendentes, estavam imersos em uma sociedade complexa e diversificada, e já não mais possuíam vínculos diretos com a África a não ser os simbólicos. Era o Brasil o seu lugar, Recife a sua cidade e os

maracatus parte de sua cultura. Aliás, quando associamos os maracatus com a cultura, não podemos resumi-los à diversão, aspecto em que muitas vezes eram representados os batuques (e os maracatus). Os batuques não serviam apenas para divertir, não eram apenas para o prazer e a diversão, uma vez que as autoridades recifenses preocupavam-se efetivamente com os aglomerados de negros, mulatos e brancos pobres nas ruas do Recife. Diante do iminente risco de terem inúmeros negros livres e escravos associados aos mestiços pobres, tornou-se evidente para as autoridades que tais reuniões representavam forte ameaça:

*(...) assim que me parece que o divertimento ou brinquedo denominado Cabinda Velha está compreendido na disposição 186 das 'posturas municipais', pois nada mais é que um maracatu, nos dias de carnaval. E neste sentido parece inaceitável o pretexto de ensaio para um grosseiro divertimento que só terá lugar daqui a dez meses.*¹⁹

Esses momentos de “aglomeração” dos negros, mulatos e brancos pobres possibilitavam um sem número de aspectos que iam desde o prazer e a diversão até a constituição de identidades. Diversos são os motivos que levam as elites brancas ao disciplinamento das festas dos afro-descendentes, mas também abundam os motivos que estes possuem para se reunir. Assim sendo, essas festas e batuques, que em muitos momentos legitimavam o poder político e cultural da elite branca, a exemplo dos próprios maracatus durante o carnaval, em algumas épocas também foram vistos como ameaça à paz e à tranquilidade da sociedade escravocrata.²⁰

Um fim anunciado.

Nos primeiros anos do século XX, Pereira da Costa, ao discorrer sobre os maracatus, prognosticou o fim dos mesmos, sobretudo devido às mudanças ocorridas na sociedade com o fim da escravidão e o desaparecimento dos últimos africanos.

Em sua representação sobre as danças por ele consideradas africanas, há a idéia da permanência de um passado distante. Pereira da Costa assim define o maracatu nas linhas abaixo:

Tratemos agora do maracatu, incontestavelmente de mais importância pela sua feição típica dos usos e

*costumes africanos, se bem que as suas exibições originais completamente desaparecessem, e os que mantêm esse cunho tradicional somente apareçam pelo carnaval, apesar mesmo de rareando de ano em ano, e com pronunciadas tendências a extinguir-se.*²¹

Nessa representação sobre o maracatu, é visível a associação com o passado, que ainda insiste em permanecer, apesar dos seus dias contados. O fim estava próximo, afirmava, e a morte ocorre de forma lenta, visto que os maracatus vão “rareando de ano a ano”. Sim, eram os maracatus a maior prova da existência de africanos no Brasil e estes eram ainda visíveis nos tempos de Pereira da Costa, sua “feição típica dos usos e costumes africanos” não nos deixa mentir:

*Essas danças africanas eram os batuques e maracatus, que ainda os alcançamos, feitos aos domingos, em diversos pontos da cidade, reunidos os pretos, escravos ou não, em grupos distintos, dançando lascivamente, num sapatear pronunciadíssimo, e cantando ao mesmo tempo, com o acompanhamento de palmas e instrumentos apropriados ao seu meio e origem. Esses cantos, se bem que monótonos, porém cheios de suave tristeza, tinham letra africana, e sem dúvida eram guerreiras ou patrióticas, entoadas por esses desgraçados da fortuna como saudosas recordações da terra natal.*²²

Os maracatuzeiros, assim como os afro-descendentes, são vistos como dotados da saudade eterna e marcados pela escravidão de uma forma irredutível, de modo que as suas práticas, os seus costumes, sejam eles religiosos ou cantos e batuques, estão inevitavelmente condenados ao fim, inclusive por serem as reminiscências de um tempo que estava se esgotando. No caso dos maracatus, percebemos, a partir do próprio autor, os motivos que explicam esse provável desaparecimento:

Se o maracatu, prestes a extinguir-se pelo seu arrefecimento, uma vez que não existem mais africanos, e os seus descendentes procuram de preferência imitar a sociedade da gente branca,

*celebrando as suas festas íntimas com reuniões dançantes segundo os moldes usados; se o maracatu, portanto, já rareando, modestamente aparece somente nas folias carnavalescas, época houve, e bem próxima ainda, em que se exibia em número avultado, mais ou menos bem organizados, ostentando mesmo alguns aparatosas galas e com um luxo tal que o seu arranjo complexo representava, relativamente, avultada quantia.*²³

Nessa perspectiva, o maracatu é considerado uma reminiscência de antigas práticas diretamente ligadas ao passado escravista e, portanto, fadado ao desaparecimento. Pereira da Costa afirma não só a decadência, como também sugere ser esta o resultado da inexistência de africanos e a imitação dos valores e costumes da sociedade branca por parte dos seus descendentes. Não podemos deixar de comentar que essa impressão de constante ameaça de extinção ou decadência marcou o pensamento de outros folcloristas que sempre viam os costumes populares em risco. Esse perigo de um provável desaparecimento no olhar folclorista está associado com a não aceitação das mudanças que são inerentes às atividades de homens e mulheres. Em seu cotidiano, as tradições são feitas e refeitas, modificando práticas e costumes que, longe de serem puros ou ingênuos, refletem os interesses de indivíduos que possuem escolhas e as fazem, dentro de suas possibilidades. É nesse sentido que podemos questionar se realmente estavam os maracatus por desaparecerem, ou se o que ocorria era a sua “descaracterização”, palavra chave para o entendimento dos folcloristas e, talvez, do próprio pensamento de Pereira da Costa sobre as práticas e os costumes populares.

No que diz respeito à idéia de desaparecimento dos maracatus, não só Pereira da Costa, mas também Katarina Real prognosticou a extinção dos mesmos. Não discutiremos aqui se esse prognóstico diz respeito a uma visão dos folcloristas que não aceitam as mudanças nas práticas e formas de expressão, ou se de fato ocorreu a decadência dos maracatus.²⁴ Importa-nos, para essa discussão, que as idéias de Pereira da Costa sobre os maracatus influenciaram diversos estudiosos que o utilizaram como fonte maior de explicação e argumento para a prova, citando ou reproduzindo literalmente a sua descrição sobre o maracatu Cambinda

Velha, interferindo diretamente nas pesquisas e na própria idéia de pensar os maracatus como “coisa africana” e “reminiscência da coroação dos reis do congo”.

Nos anos sessenta (mais de meio século depois do célebre prognóstico de Pereira da Costa), Katarina Real, no seu livro *O folclore no carnaval do Recife*, em meio às suas pesquisas, também constatou que os maracatus enfrentavam um risco de vida iminente:

*O pesquisador que mergulha nas ‘nações africanas’ e chega a amar esses grupos de história quase fantástica e misticismo até contagiante, dificilmente evita um profundo desânimo ao observar estas nações desaparecerem – quase diante dos olhos – e sentir os enormes problemas da sobrevivência dos restantes.*²⁵

Quanto às causas, Katarina cita as que foram enumeradas por Pereira da Costa, tecendo o seguinte comentário:

*Os fatos sociológicos que Pereira da Costa descreveu são os mesmos, e muito mais em evidência que os que enfrentamos atualmente. Isto é, o desaparecimento do ‘negro’ no Recife, não somente como fenótipo como também membro duma comunidade que cultivava uma herança sociocultural ‘africana’.*²⁶

O que percebemos neste depoimento, é que a autora, de um modo implícito, associa os maracatus-nação às comunidades afro-descendentes, ou, como ela mesma define, “comunidade que cultivava uma herança sociocultural africana”. Neste sentido, o desaparecimento das mesmas coloca em risco a existência dos maracatus-nação. Katarina Real não só concordou com as considerações feitas por Pereira da Costa a respeito da decadência, como também atribuiu a essas um significado condizente com a época:

Em resumo: o enfraquecimento atual das nações deve-se em grande parte ao desmoronamento destas duas pedras fundamentais:

1- o orgulho numa herança cultural mais ou menos ‘africana’

*2-a desintegração do 'matriarcado' afro-brasileiro.*²⁷

Nesse sentido, ao apontar para o desaparecimento destas comunidades de afro-descendentes, parece-nos que aquela pesquisadora não só percebeu a decadência, como também determinou a inevitabilidade de tal situação:

*Mesmo chegando o dia triste em que desaparecer do Recife a última velha 'nação', para uma considerável maioria dos pernambucanos de todas as classes sociais, o maracatu continuará a ser uma emoção, um sentimento, um motivo de vibração. Os intelectuais, os jornalistas, a classe média, e o povo em geral – todos sentem o maracatu peculiarmente seu. Ser pernambucano é sentir o maracatu.*²⁸

O que nós poderíamos indagar a respeito dos comentários feitos por Katarina Real em relação à chegada do “triste dia” de desaparecimento dos maracatus pode parecer óbvio, mas, como é possível uma manifestação cultural ser tão querida e amada pelo seu povo, servindo inclusive de símbolo para o sentimento de pertencimento a Pernambuco, e ainda assim estar correndo o risco de desaparecimento? Aliás, conforme diz a própria autora, “o povo em geral sente o maracatu como sendo seu”. Ora, as representações construídas por Pereira da Costa estavam vivas: o desaparecimento era inevitável, uma vez que a escravidão já havia terminado e o lugar dos negros no Recife dos anos sessenta era o da melancolia, da tristeza, cujo destino era ser miscigenado.

Uma outra dinâmica: os maracatus se refaziam, adaptavam-se, modificavam-se e existiam.

Compulsando as listas de licenças dos últimos anos do século XIX e dos dez primeiros do século XX, fornecidas pela polícia e publicadas nos jornais da época para que as agremiações carnavalescas tivessem a permissão de desfilar nos carnavais, percebemos a existência de uma quantidade significativa de maracatus. Ao nosso ver, essas listas indicam que muitos eram os maracatus que ainda existiam na cidade, apesar do ambiente de repulsa para tudo o que cheirasse a África que prevalecia na sociedade. Essas listas demonstram que a prática social dos afro-

descendentes era dotada de uma dinâmica oposta às representações construídas por Pereira da Costa sobre a cultura afro-descendente, notadamente os maracatus. Além disso, o simples motivo de existir uma licença para que o maracatu desfilasse ou não no carnaval nos coloca interrogações sobre como eram feitos esses pedidos e até que ponto eles eram ou não atendidos. Verificando de perto os números de maracatus, ano a ano, percebemos que alguns aparecem em uns anos, desaparecendo em seguida e reaparecendo depois. Para que muitas dessas interrogações sobre os maracatus nas listas sejam respondidas, são imprescindíveis outros estudos nos documentos da antiga Repartição Central de Polícia, a fim de verificar se todos os maracatus pediam a licença e se todos a recebiam, se haviam proibições e quais eram os motivos dessas.

Entretanto, afirmamos que, independente de quantos maracatus existiam ou desfilavam pelo Recife do período que abordamos, pensamos ser extremamente importante considerar a idéia de que essas práticas constituíram muito mais do que “coisa de africanos”, e os indícios nos remetem, conforme discutimos em trabalho anterior, para a idéia de que tais expressões propiciavam a aglutinação de brancos pobres, mulatos e mestiços em geral.²⁹

Diferentemente das perspectivas que a obra de Pereira da Costa sobre os maracatus criou, qual seja, a de que eles eram algo africano e prestes a se extinguir, os maracatuzeiros viviam uma outra dinâmica. Os conceitos de que os batuques, os cantos, as aglomerações serviam para a exaltação da terra distante, da época em que eram felizes e livres, criaram imagens de que os negros viviam em eterna melancolia e tristeza.

No entanto, podemos pensar que as comunidades de afro-descendentes talvez não se vissem como meras reminiscências da África. Também é possível considerarmos que talvez não tenham vivenciado suas práticas culturais tal qual as representou Pereira da Costa. Contudo, as diferenças entre práticas e representações precisam ser nuançadas. É de fundamental importância observar que representações como as construídas por Pereira da Costa, ajudaram a criar uma imagem do negro pós-abolição e a consolidar um lugar social para a cultura afro-descendente, em especial os maracatus, qual seja, coisa do passado, destinada ao desaparecimento, retirando-lhes a condição de sujeitos da história que viviam.

Notas:

*Este artigo foi apresentado sob a forma de comunicação no V Encontro Nordestino de História da ANPUH, realizado em Recife, outubro de 2004.

¹Podemos listar de imediato ao menos três excelentes trabalhos escritos no ano de 2004 e que direta ou indiretamente abordam os maracatus-nação: SEIDEL, Roberto H. *A ponte sobre o abismo da alogeneidade: estudos literários e estudos culturais*. Recife, tese de doutorado em teoria literária, UFPE, 2004; SILVA, Ana Cláudia. *Vamos maracatucá!!! – um estudo sobre os maracatus cearenses*. Recife, dissertação de mestrado em antropologia, UFPE, 2004; LARA, Larissa Michelle. *O sentido ético-estético do corpo na cultura popular*. Campinas, tese de doutorado em educação, UNICAMP, 2004.

²CARVALHO, Rodrigues. *Cancioneiro do Norte*. 2.ed. aumentada. Parahyba do Norte: Typ. da Livraria São Paulo, 1928, p.23.

³SILVA, Leonardo Dantas. A corte dos reis do congo e os maracatus do Recife. *Notícia bibliográfica e histórica*. Campinas, PUC, n° 184, pp 43–64, 2002; Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas: o controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX (1850–1888)*. Recife, dissertação de mestrado em história, UFPE, 1995.

⁴*Jornal do Recife*, sexta feira, 24/02/1911, p. 01 e domingo, 26/02/1911, p. 01. A notícia do jornal, do dia 24/02, era esta: “... Centro Pequeno (diretor: Manoel Fernandes de Souza, sede rua do socego, n° 18. **Instrumentos de corda**), Porto Rico Pequeno (diretor Manoel Vieira Pessoa, sede rua Imperial. **Instrumentos de cordas**), Centro Grande (diretor Antonio Lins de Mello, sede rua do Sapoti (Pombal). **Instrumentos de corda**), Cambinda Elephante (sede, Cajueiro 7. **Instrumentos de cordas**) e Porto Rico Braço Cutello (diretor; Francisco Florentino da Rocha, sede Quadro Joaquim da Rocha (São José), **instrumentos de corda**)...”

⁵Outro bailado típico de Goiana: a aruenda, *Revista Contraponto*, n° 11, dezembro, 1949, páginas não-numeradas.

⁶Sobre as cambindas, ver: TRIGUEIRO, Osvaldo Meira; BENJAMIN, Roberto. “Cambindas da Paraíba”, *Cadernos de Folclore* n° 26, Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978.

⁷Sobre as aruendas de Goiana, ver também: ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional. Danças, Recreação, Música*. Vol II, 2.ed.. São Paulo: Melhoramentos, 1967, pp. 298-304.

⁸BENJAMIN, Roberto. “Maracatus rurais de Pernambuco”. In: FILHO, Américo Pellegrini (org). *Antologia de folclore brasileiro*. São Paulo: Edart, 1982, p. 204.

⁹COSTA, Pereira da. *Folklore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. Recife, Arquivo Público Estadual, 1974, p. 216. (1908).

¹⁰PEIXE, Guerra. *Maracatus do Recife*. 2.ed. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife: Irmãos Vitale, 1980.

¹¹Sobre esta questão, ver: GUILLEN, Isabel. “Mediações culturais: os maracatus-nação nas obras dos modernistas em Pernambuco”; LIMA, Ivaldo Marciano de França. “Tradição e autenticidade entre os maracatus-nação do Recife: desconstruindo uma idéia e um olhar homogeneizador”. Ambos os trabalhos foram apresentados no *XI Encontro Estadual de História – Anpuh-PB*, Campina Grande, 12 a 16 de julho de 2004.

¹²Muitas foram as obras de Pereira da Costa. Aqui deixamos algumas que consideramos importantes para perceber e apreciar o pensamento deste estudioso: COSTA, F. A. Pereira da. *Ensaio histórico e biografia do padre João Ribeiro Pessoa, mártir da revolução de 1817*. Recife, Jornal do Recife, 1875; COSTA, F. A. Pereira da. *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*. Recife: Typografia Universal, 1882; COSTA, F. A. Pereira da. *Pernambuco ao Ceara. O dia 25 de março de 1884. História das festas celebradas em Pernambuco por ocasião da redenção central emancipadora do Recife*. Recife: Typografia Central, 1884; COSTA, F. A. Pereira da. *Mosaico pernambucano*. Recife: Typografia Universal, 1884; COSTA, F. A. Pereira da. “A idéia abolicionista em Pernambuco”. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambuco*, nº 42. Recife: Typografia de F. P. Boulitreau, 1891; COSTA, F. A. Pereira da. “Reabilitação histórica do Conde de Nassau, como governador do Brasil Holandês”. Recife, *Jornal do Recife*, janeiro a março, 1901; COSTA, F. A. Pereira da. *Esboço biográfico do Desembargador Joaquim Nunes Machado*. Recife: Tipografia Universal, 1899; COSTA, F. A. Pereira da. “O governo de Pernambuco em 1817”. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambuco*, vol XI, nº 62, pp. 555–559, Recife, 1903; COSTA, F. A. Pereira da. “Folk-lore pernambucano. Subsídios à história da poesia popular em Pernambuco”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo 70, 1908, pp. 03-641; COSTA, F. A. Pereira da. *Vocabulário pernambucano*. Recife, Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1976; COSTA, F. A. Pereira da. *Arredores do Recife*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981, COSTA, F. A. Pereira da. *Anais pernambucanos*. 2.ed. Recife, Governo do Estado, 1982.

¹³ANDRADE, Manuel Correia de. *Pereira da Costa – O homem e a obra*, Recife: CEPE, 2002, p.135.

¹⁴CARVALHO, Rodrigues. *Op cit*, p. 23.

¹⁵HÉLIO, Mario. *Perfil parlamentar século XX – Pereira da Costa Cronista e figurante – um historiador deputado nos tempos da República Velha*. Recife, Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2001, p. 56.

¹⁶COSTA, F. A. Pereira da. *Anais pernambucanos*. Recife, Fundarpe, vol 06, 1983, pp. 382–383.

¹⁷Sobre o tráfico de escravos na África, ver: SILVA, Alberto da Costa e. *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ / Nova Fronteira, 2004; GLASGOW, Roy. *Nzinga – resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582–1663*. São Paulo: Perspectiva, 1982; sobre o continente africano, ver: OLIVER, Roland. *A experiência africana da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

¹⁸ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios – transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: UNB / José Olympio Editora, 1993, p. 90.

¹⁹Ofício do delegado do Recife para o chefe de polícia da província, fundo SSP, 1ª Delegacia da capital, 15 de junho de 1874, apud: MAIA, Clarissa Nunes. *op cit*, p. 111.

²⁰Para uma leitura sobre as festas e as suas proibições, restrições, perseguições e negociações, ver: REIS, João José. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas - Ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp / Cecult, 2002, pp. 101-151.

²¹COSTA, F. A. Pereira da. *Folk-lore pernambucano. Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. Recife, Arquivo Público Estadual, 1974, p. 216.

²²Ibidem, p. 214.

²³Ibidem, p. 216.

²⁴Para uma leitura sobre a questão da decadência dos maracatus-nação, ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias*. Recife, Monografia de bacharelado em história, UFPE, 2003.

²⁵REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. 2.ed. Recife, Fundaj: Ed. Massangana, 1990, p. 67.

²⁶Idem, ibidem.

²⁷REAL, Katarina. *Op. cit*, p. 68.

²⁸Idem, p. 69.

²⁹Para essa discussão veja-se: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus nação...*

Bibliografia:

- ANDRADE, Manuel Correia de. *Pereira da Costa – O homem e a obra*. Recife: CEPE, 2002.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional. Danças, Recreação, Música*. vol. II. 2.ed.. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios – transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: UNB/José Olympio, 1993.
- BENJAMIN, Roberto. “Maracatus rurais de Pernambuco”. In: FILHO, Américo Pellegrini (org). *Antologia de folclore brasileiro*. São Paulo: Edart, 1982, pp. 119 - 212.
- CARVALHO, Rodrigues. *Cancioneiro do Norte*. 2.ed. aumentada. Parahyba do Norte: Typ. Da Livraria São Paulo, 1928
- COSTA, F. A. Pereira da. *Anais pernambucanos*. Recife, Governo do Estado, vol. 03, 1982; vol 06, 1983.
- _____. *Arredores do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.
- _____. *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*. Recife: Typografia Universal, 1882.
- _____. *Ensaio histórico e biografia do padre João Ribeiro Pessoa, mártir da revolução de 1817*. Recife, Jornal do Recife, 1875.
- _____. *Esboço biográfico do Desembargador Joaquim Nunes Machado*. Recife: Tipografia Universal, 1899.
- _____. *Mosaico pernambucano*. Recife: Typografia Universal, 1884.
- _____. “A idéia abolicionista em Pernambuco”. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambuco*, nº 42. Recife: Typografia de F. P. Boulitreau, 1891.
- _____. *O governo de Pernambuco em 1817*. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambuco*, vol XI, nº 62, pp. 555-559, Recife, 1903.
- _____. *Pernambuco ao Ceará. O dia 25 de março de 1884. História das festas celebradas em Pernambuco por ocasião da redenção central emancipadora do Recife*. Recife: Typografia Central, 1884.
- _____. “Reabilitação histórica do Conde de Nassau, como governador do Brasil Holandês”. Recife, *Jornal do Recife*, janeiro a março, 1901.
- _____. *Vocabulário pernambucano*. Recife, Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1976.
- _____. *Folk-lore pernambucano. Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. Recife, Arquivo Público Estadual, 1974. [1908].
- GLASGOW, Roy. *Nzinga – resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

- GUILLEN, Isabel. "Mediações culturais: os maracatus-nação nas obras dos modernistas em Pernambuco". Trabalho apresentado no *XI Encontro Estadual de História – Anpuh-PB*, Campina Grande, 12 a 16 de julho de 2004.
- HÉLIO, Mario. *Perfil parlamentar século XX – Pereira da Costa Cronista e figurante – um historiador deputado nos tempos da República Velha*. Recife, Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2001.
- LARA, Larissa Michelle. *O sentido ético-estético do corpo na cultura popular*. Campinas, tese de doutorado em educação, UNICAMP, 2004.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias*. Recife, Monografia de bacharelado em história, UFPE, 2003.
- _____. "Tradição e autenticidade entre os maracatus-nação do Recife: desconstruindo uma idéia e um olhar homogeneizador". Trabalho apresentado no *XI Encontro Estadual de História – Anpuh-PB*, Campina Grande, 12 a 16 de julho de 2004.
- MAIA, Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas: o controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX (1850-1888)*. Recife, dissertação de mestrado em história, UFPE, 1995.
- OLIVER, Roland. *A experiência africana da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- PEIXE, Guerra. *Maracatus do Recife*. 2.ed. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife: Irmãos Vitale, 1980.
- REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. 2.ed. Recife, Fundaj: Massangana, 1990.
- REIS, João José. "Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX". In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas - Ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp / Cecult, 2002, pp. 101-151.
- SEIDEL, Roberto H. *A ponte sobre o abismo da alogeneidade: estudos literários e estudos culturais*. Recife, tese de doutorado em teoria literária, UFPE, 2004.
- SILVA, Alberto da Costa e. *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*. 2.ed. Rio de Janeiro: UERJ / Nova Fronteira, 2004.
- SILVA, Ana Cláudia. *Vamos maracatucá!!! – um estudo sobre os maracatus cearenses*. Recife, dissertação de mestrado em antropologia, UFPE, 2004.
- SILVA, Leonardo Dantas. "A corte dos reis do congo e os maracatus do Recife". *Notícia bibliográfica e histórica*. Campinas, PUC, nº 184, pp 43-64, 2002.
- TRIGUEIRO, Osvaldo Meira; BENJAMIN, Roberto. "Cambindas da Paraíba", *Cadernos de Folclore* nº 26, Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978.